



FORUM PARA A
COMPETITIVIDADE

**SEMINÁRIO “IDE EM PORTUGAL”
(Atrair Capitais para Criar Emprego)**

**22 de Maio de 2013
Centro de Congressos de Lisboa, Auditório II**

Discurso de abertura

Nunca, como hoje, foi tão evidente que atingir níveis elevados de emprego e de bem-estar depende fundamentalmente da competitividade da economia poder assegurar novos empregos e melhorar os existentes, pela reorientação de empresas para a exportação e pela atracção de investimento directo estrangeiro.

Concentra-se a comunicação social sobre os indicadores de recessão e podia até pensar-se que a recuperação do consumo interno, público ou privado, seria suficiente para voltar ao crescimento, como se recentemente e com crédito abundante o tivéssemos tido.

Os nossos problemas são mais antigos e não se resolverão com as políticas económicas que nos conduziram à situação actual. O nosso principal problema é a degradação acentuada da competitividade externa da economia portuguesa.

Se descontarmos os generosos apoios comunitários recebidos, concluiremos que não crescemos desde meados dos anos 90, e duma forma ainda mais evidente desde que entrámos no Euro sem interiorizar que a participação na UEM nos obrigaria a um esforço sério de aumento de competitividade.

Em alternativa – também se sabia – assistiríamos a que qualquer queda de competitividade externa – já não podendo ser temporária e parcialmente



FORUM PARA A
COMPETITIVIDADE

compensada pela desvalorização da moeda – fosse compensada pela queda dos salários reais e/ou do emprego.

E é nos índices internacionais de competitividade que é mais fácil verificar o que recuámos. Em 2000 Portugal ocupava o 22.º lugar do ranking do *World Economic Forum*, em 2004 estávamos em 24.º e daí para cá fomos ultrapassados por uma média de 3 países por ano, situando-nos na 49.ª posição em 2012. Em 12 anos perdemos 27 lugares num indicador com grande visibilidade, de forma regular, apesar de alguns esforços conseguidos de “bater” o índice, actuando ao nível governamental só sobre os pontos que são medidos como indicadores parciais de competitividade. O exemplo mais conhecido é o de “empresa na hora” – indicador relevante, sem dúvida, mas que não foi acompanhado de redução de burocracia pós-criação, nomeadamente outros licenciamentos obrigatórios.

Tem o Governo centrado, e bem, a sua acção na correcção dos enormes desequilíbrios macro-económicos do País, nomeadamente o deficit orçamental e o deficit comercial e da balança corrente.

O trabalho do Forum para a Competitividade concentrou-se muito, nos anos anteriores, na chamada de atenção para a insustentabilidade da política económica seguida desde que “decidimos” entrar no Euro.

É urgente que se possa concentrar agora em contribuir para recriar um sector exportador competitivo e concentrado em produtos e actividades onde, independentemente de vantagens comparativas, possamos beneficiar de preços *premium*, por oposição a mercados de margens esmagadas como são alguns onde operam parte dos nossos sectores tradicionais. E também em estimular o IDE, única variável de criação de emprego a curto prazo. Temos de sair dos sectores onde competimos com o Extremo Oriente.



FORUM PARA A
COMPETITIVIDADE

É com este último objectivo, o de contribuir para estimular o investimento directo estrangeiro que começámos a preparar este seminário.

Contámos com a colaboração dum grupo de trabalho constituído por:

- António Melo Pires
- António Alfaiate
- Benedito Siqueira
- Hans-Joachim Böhmer
- Jaime Esteves
- Jaime Lacerda
- John Goldsbrough
- José Félix Ribeiro
- Nelson de Souza
- Madalena Oliveira e Silva
- Margarida Silva
- Mathias Fischer
- Pedro Gonçalves
- Rita Faden
- Rui Madaleno
- Rui Vilar

a quem gostava de agradecer a colaboração e os contributos que trouxeram.

Os trabalhos concentraram-se na análise dos sucessos passados de empresas que têm hoje um papel importante na economia portuguesa, no decréscimo do IDE na última década em Portugal, nos principais obstáculos e sobretudo no que



FORUM PARA A
COMPETITIVIDADE

deveríamos fazer para reduzir obstáculos e para aumentar a eficácia dos esforços de atracção.

Não deixámos de reflectir sobre como aumentar o afluxo de meios financeiros externos à economia, muitas vezes associados à transacção de activos já existentes, mas, em nossa opinião, deveríamos centrar os esforços na angariação e no apoio ao arranque de novas iniciativas que permitam localizar em Portugal actividades competitivas internacionalmente.

E sobretudo actividades que permitam melhorar a competitividade externa do País e criar empregos em áreas onde hoje há competências, mas não há nem emprego, nem produção.

Face aos decréscimos recentes do nível de IDE a nível mundial, e de forma ainda mais acentuada na Europa, a tarefa não vai ser fácil.

Sem me querer antecipar às conclusões, uma estratégia de sucesso nesta área implicará a concentração de esforços num número limitado de países e de sectores.

A análise dos investimentos estrangeiros no Mundo evidencia uma concentração em número limitado de sectores e evidencia também que resultaram de opostas concretas e focadas feitas pelos países receptores em sectores que, para além das indispensáveis vantagens comparativas, existentes ou a criar, se inseriam harmoniosamente numa visão do seu próprio desenvolvimento futuro.

Iniciaremos os trabalhos com uma apresentação pelo Dr. José Félix Ribeiro numa visão para o futuro.

Porque acreditamos que pode haver futuro.

E que temos de o construir.

Numa altura em que do Governo esperamos que se concentre no redesenho duma administração pública moderna, eficiente e financeiramente comportável,



FORUM PARA A
COMPETITIVIDADE

características que neste momento não possui, gostaria de terminar salientando a responsabilidade que as empresas em especial, e a sociedade civil em geral, têm de construir o futuro.

Faço votos de que possamos com os nossos trabalhos de hoje contribuir para esse objectivo.

Pedro Ferraz da Costa

22.05.2013